

Revista Gepesvida

Edição Especial

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Número 12. Volume 5. 2019-2. ISBN: 2447-3545.



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A PERSPECTIVA DAS HISTÓRIAS INFANTIS NA ALFABETIZAÇÃO

Fernanda Feldberg¹
Nicolí Martins²

RESUMO

O presente artigo tem como propósito apresentar as experiências dos residentes/estagiários no projeto de Residência Pedagógica (RP) do USJ. O eixo principal da pesquisa são as estratégias realizadas dentro do processo de alfabetização através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que é um documento de cunho normativo que tem o intuito de desenvolver modalidades de aprendizagem essenciais (BRASIL, 2017). Vimos que organizar a prática pedagógica se faz necessário atribuir a todo momento, uma intencionalidade pedagógica. Nesta situação, decidimos recorrer a literatura infantil, aprimorando o ensino por meio do lúdico com atividades práticas e divertidas, de forma que o aprendizado acontecesse de progressivamente e natural. Procuramos, então, estimular as crianças na leitura e na escrita por meio de materiais literários atrativos expostos e ao alcance da turma a todo momento, tornando o ambiente leve e de constante conhecimento, também propondo atividades conjuntas e que explorasse a imaginação e a diversão como um todo. Nosso convívio, aos poucos foi identificando os medos, desafios, conquistas que potencializaram sobremaneira a imaginação e a criatividade das crianças dando significado às nossas ações. Nossos experimentos pedagógicos se misturam na nossa própria história docente. A discussão realizada com as crianças sobre a literatura nos permitiu indagar mais uma vez sobre os processos vivenciados com as crianças com a Literatura Infantil nas escolas.

Palavras-chave: Histórias Infantis. Alfabetização. Residência Pedagógica. Formação Inicial.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia no USJ e residente do programa residência pedagógica – CAPES.

² Acadêmica do curso de Pedagogia no USJ e residente do programa residência pedagógica - CAPES. email: nicolimartins.heitor@gmail.com

Revista Gepesvida

ABSTRACT

This article aims to present the experiences of residents / interns in the USJ Pedagogical Residence (PR) project. The main axis of the research is the strategies carried out within the process of literacy through the Common National Curriculum Base (BNCC) which is a normative document that aims to develop essential learning modality (BRAZIL, 2017). We have seen that organizing the pedagogical practice is necessary to attribute at all times a pedagogical intentionality. In this situation, we decided to resort to children's literature, improving teaching through playfulness with practical and fun activities, so that the learning happened progressively and naturally. We then sought to encourage children to read and write through engaging exposed literary materials and within reach of the class at all times, making the environment light and constant knowledge, also proposing joint activities that explored imagination and fun as one all. Our conviviality gradually identified the fears, challenges, achievements that greatly enhanced the imagination and creativity of children giving meaning to our actions. Our pedagogical experiments blend into our own teaching history. The discussion with the children about literature allowed us to inquire once again about the processes experienced with children with children's literature in schools.

Keywords: Children's Stories. Literacy. Pedagogical Residence. Initial formation.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito apresentar as experiências dos residentes no projeto de Residência Pedagógica (RP) do USJ. O eixo principal da pesquisa são as estratégias realizadas dentro do processo de alfabetização utilizando-se da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que é um documento de cunho normativo que tem o intuito de desenvolver modalidade de aprendizagem essenciais (BRASIL, 2017) por meio de competências e habilidades.

Com isso, percebemos a importância das histórias infantis no processo de alfabetização, o hábito de ler nem sempre é oportunizado na infância. Cardoso e Ednir (2007) relatam que existem extremos, pois em algumas casas, as crianças têm acesso a livros infantis e livros didáticos, e já em outros casos as crianças não têm. A literatura infantil é um tema muito sério e discutido nos dias de hoje por dois pretextos, primeiro por defender o desenvolvimento da linguagem, sobretudo, na sua forma simbólica instigando o aparecimento da imaginação e da criatividade. Segundo, porque ampara a oralidade e a escrita infantil no processo de alfabetização expandindo o universo de conhecimento das crianças. Nesse sentido, alguns questionamentos emergem: **O que é necessário para que a criança tenha a condição de se apropriar dos instrumentos da**

linguagem para ampliar o seu conhecimento através da escrita e da leitura? A literatura infantil pode contribuir com esse processo?

Foi a partir destes questionamentos optamos por desenvolver um projeto que ampliasse essa percepção que norteia a literatura infantil. Algumas determinações políticas expressam à elaboração e execução de programas e projetos vinculados a alfabetização que podem ser encontradas no Decreto n.º 6.094 (BRASIL, 2007), nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (BRASIL, 2010), nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCNEB de 2013), no Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017.

Para Mortatti (2010) alfabetização escolar é um processo complexo e multifacetado de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, que envolve ações humanas e, por isso, políticas públicas, caracterizando-se como um dever do Estado e um direito do cidadão. Tomamos com base para nossas discussões nesse artigo a ideia de alfabetização e letramento pautado na perspectiva de Magda Soares, quando afirma que esses são termos distintos, mas indissociáveis, ou seja, os conceitos se somam que se complementam (SOARES, 2010^a a 2014). Dessa forma, a alfabetização é a aquisição de uma tecnologia (sistema alfabético e ortográfico da escrita); e o letramento, o desenvolvimento de habilidades de uso da tecnologia da escrita (SOARES, 2014).

Com esse olhar direcionamos nossas observações participativas e, também, nas conversas com a preceptora sobre o processo de alfabetização e se a literatura infantil poderia tornar esse processo mais significativo e produtivo para as crianças e assim, optamos por dar continuidade no conteúdo que estava sendo trabalhado e percebemos como as crianças têm fascínio pela “contação de história” e, também, no desejo de aprender a ler e interpretar o mundo. Nessa perspectiva a literatura é uma configuração d as crianças comunicarem a sua experiência de forma subjetiva, tanto por meio da atividade de contar histórias como por meio de suas narrativas.

A Residência Pedagógica tem o intuito de oferecer para as Residentes uma imersão na escola, possibilitando experiências que não teriam no estágio obrigatório, participando de forma efetiva no conselho de classe e, também, na avaliação das crianças. Segundo Freire (2014, p. 26) “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de

Revista Gepesvida

ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade”. Além de tudo, ter a preceptora como mediadora e norteadora do nosso processo de aprendizagem proporcionou à docência um elo entre a teoria e a prática.

Como proposto pela preceptora de se trabalhar com o processo de alfabetização, por meio da literatura, iniciamos anotando todas as ideias e desafios que porventura poderiam nos ocasionar. Fomos desafiadas a ensiná-las sobre as etapas de uma história, situando todo e qualquer detalhe que possa aparecer e integrar a literatura neste processo de ensino. Para nós a oralidade é percebida como uma categoria literária, não só por colocar o ouvinte em contato com o texto, mas porque acende na criança o caminho para se relacionar com o mundo. Portanto, na atividade de contar histórias antes de tocar o ouvinte, a contação da história necessita sensibilizar as contadoras, porque cada um produz na narrativa sua história pessoal e a experiência vivida que deve ser compartilhada.

Assim, a narração da história para crianças tem que ser um episódio interpessoal, ajustado por aqueles que dele participam. E, desse modo, falar sobre os personagens e o espaço que as histórias acontecem foi algo leve e que fluiu muito bem, mas falar de algo que fosse mais abstrato como o tempo em que a história se passa, a coesão e a coerência foi algo que demandou um pouco mais de tempo e recursos que os fizemos aprender integralmente sobre o assunto.

É na fase de alfabetização que o potencial afetivo, social, cognitivo, emocional e motor da criança serão mais instigados e desenvolvidos em sua plenitude e, aos poucos, a criança realiza atividades cada vez mais complexas, com relação aquelas que envolvem o aprender a ler, escrever e contar. Neste caso optamos por atividades lúdicas, que tivessem sentido e que os interesses das crianças fossem despertados, porque entendemos que a alfabetização será sentida e vivida como um jogo, um desafio, uma brincadeira motivadora de aprendizagem. A ludicidade é uma prática muito importante como fonte de ensino, estimulando e proporcionando aos alunos momento de diversão que acabam sendo com muita intencionalidade e aprendido.

2. IMERSÃO NO CAMPO DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: O VIÉS COM O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE LETRAMENTO

Revista Gepesvida

A residência pedagógica tem o intuito de proporcionar aos residentes à pesquisa participante, que tem a finalidade de vincular o ensino, a extensão e a pesquisa, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 2014, p. 30). Para uma formação de professores críticos:

[...] pesquisa e extensão permitem uma formação crítica, pois viabiliza uma atitude reflexiva numa relação dialética teoria-prática, causadora de uma visão integrada ao contexto social, privilegiando um olhar mais humano, mais reflexivo e problematizador da realidade onde esse sujeito se insere (ZOGAIB, AZEVEDO, S/D, p.4).

Diante a residência pedagógica se configura em quatorze encontros, sendo sete observações, seis intervenções participativas e uma devolutiva. As intervenções partiram do projeto que surgiu com o intuito de trazer um novo olhar para a literatura infantil e a ludicidade, trabalhando em conjunto para entender e construir uma história coletiva, que juntamente com os alunos faremos a continuação da história João e o pé de feijão, desenhando os cenários da história, confeccionando os personagens principais, para fazer o curta metragem, além disso, o projeto vai tratar também da leitura deleite, leitura silenciosa, exercícios orais escritos, ditado, entre outros, tudo dentro do planejamento da professora/preceptora da turma, que pediu para que trabalhássemos na área da língua portuguesa.

Nessa ação do RP proposta perceber o processo de alfabetização e letramento das crianças a partir dos estudos de Soares (2010^a) quando afirma que é fundamental ir além da simples aquisição do código escrito e apropriar-se da alfabetização e do letramento, em outras palavras, deve-se alfabetizar e letrar, ao mesmo tempo. Mas, de que forma? Segundo a autora, deve-se:

[...] orientar a criança para que aprenda e ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos (SOARES, 2010^a, p. 5).

A mesma autora propõe ainda que a relação entre alfabetização e letramento seja compreendida em sua complementaridade.

Por um lado, a aquisição do sistema de escrita - a *alfabetização* - supõe, para ser eficiente, ensino de forma explícita, sistemática, progressiva, sequente, uma vez que as relações entre fonemas e grafemas são convencionais e em grande parte arbitrárias, não sendo, assim, necessário, nem talvez justo, atribuir

Revista Gepesvida

à criança a difícil tarefa de “redescoberta” desse sistema de representações convencional, tão laboriosamente construído pela humanidade ao longo de séculos. [...] Por outro lado, o desenvolvimento de competências para a leitura e a escrita - o *letramento* - deve ser orientado por objetivos específicos: familiarização da criança, na leitura e na escrita, com diferentes gêneros de texto e suas características específicas, manipulação adequada de diferentes portadores de textos, particularmente livros, utilização de livros de referência (dicionários, enciclopédias), conhecimento e uso de biblioteca, entre muitos outros objetivos orientados pelo e para o letramento. Mas essas atividades podem e devem aproveitar-se de todas as oportunidades que levem a criança a identificar e a compreender a tecnologia que possibilita a produção do material escrito com que convive (SOARES, 2010b, p.26, grifos da autora).

Desse modo compreendemos que as práticas de ensino que envolvem a aprendizagem inicial da língua escrita devem ser desenvolvidas em sua *inteireza* Soares (2016, grifo nosso), Para autora, isto é o que tem se denominado de alfabetizar letrando. Esse processo então pode estar relacionado com a literatura infantil e ludicidade como estratégias motivadoras. E, sobre isso, Silva et al. (2015, p. 273, grifo da autora) expressa que:

A atividade lúdica possui um fim em si mesma, isso é, ela é diferente de uma atividade didática, não se destina à realização de um objetivo preestabelecido, não garante um resultado anteriormente previsto. Entretanto, quando o lúdico está presente na escola e até em situações fora da mesma, podemos perceber que ele faz uso de duas funções: a *função lúdica*, que possibilita o divertimento, o prazer e até o desprazer, quando é escolhida voluntariamente pela criança, e a *função educativa*, que ensina o indivíduo e busca resultados no tocante à aquisição de conhecimentos. O equilíbrio entre essas duas funções possibilita a aprendizagem de conteúdos curriculares. Por meio de atividades e estratégias de natureza lúdica que contemplem essas duas funções, as crianças realizam, constroem e se apropriam de conhecimentos das mais diversas ordens. Tais atividades possibilitam a construção de categorias e a ampliação de conceitos de várias áreas do conhecimento. Portanto, nesse aspecto, o lúdico assume um papel didático e pode ser explorado na escola, embora saibamos que eles trazem um saber em potencial que pode ou não ser ativado pelo aluno. Isso leva, muitas vezes, o professor a não utilizar os jogos e brincadeiras na escola.

Nesse caso, nossa ação proposta teve como viés a ludicidade que foi constituída a partir da literatura infantil e, assim utilizamos materiais diversos que existiam nas escolas, adquiridos por nós ou os materiais já utilizados pelas preceptoras, sendo usufruído para alfabetização e letramento das crianças. Sabemos que os educadores precisam criar situações nas quais o lúdico e a literatura infantil abordam as outras áreas do conhecimento de forma interdisciplinar, e sejam realizados em pequenos grupos, em duplas ou em grupos maiores colaborando com a interação e a troca de experiência entre as próprias crianças.

Revista Gepesvida

Nesse sentido, pensar a prática pedagógica também associada às questões do lúdico considerar que as atividades escolares podem, além de desenvolver o aprendizado dos conhecimentos escolares, também gerar prazer, promover a interação e a simulação de situações da vida em sociedade (BRASIL, 2012, p. 6).

As experiências de leitura e escrita, nas quais são utilizados os materiais didáticos como jogos pedagógicos e livros de literatura colaboram com a alfabetização e o letramento das crianças. A criança alfabetizada é aquela capaz de ler e escrever em diferentes situações sociais, de modo que isso possibilita sua inserção e participação em um mundo letrado.

3. O MARAVILHOSO MUNDO DA LITERATURA

A escolha do nosso tema articulador (ludicidade e literatura infantil) surgiu já nos primeiros dias de observação, com o intuito de trazer um novo olhar para a docência. Em vários momentos percebemos que as crianças se interessam muito por livros e histórias. Concordamos que a sala de aula é um lugar motivador que dispõe de muitos materiais que elas utilizam para ler e usufruir da imaginação, tornando um momento de diversão. Também podemos perceber que existem muitos itens que podem ser usados e adaptados para ser utilizado para agregar no conhecimento e interesse da turma, assim partimos para o preparo dos planos de aula.

Desenvolver um trabalho com literatura na perspectiva lúdica implica, segundo Ostetto (2007, p. 3), “considerar especificidades de um campo de conhecimento que não se define pela norma, pois não há regras fixas no modo de produção da arte, suas linguagens são territórios sem fronteiras.” A ideia defendida aqui é de que é tarefa o professor ao utilizar atividades lúdicas e narrativas como alternativas para que a alfabetização ocorra, faz a articulação entre o brincar e o aprender.

Assim, compreendemos que é fundamental revisitar nosso modo de perceber a escola, as relações e o currículo instituído para as crianças no processo de alfabetização e letramento, numa direção de entender a criança na sua inteireza (ANDRADE, 2017) como elementos vivos e dinâmicos, pois, para a criança, a literatura interessa enquanto processo vivido e marcado na experiência e no corpo inteiro. E, dessa maneira o educador torna-se o interlocutor privilegiado que dá suporte às crianças em suas criações.

Revista Gepesvida

Aprende-se a gostar, a ver e ouvir, assim como a combinar materiais, a inventar formas, por isso um dos papéis do professor é abrir canais para o olhar e a escuta sensíveis, disponibilizando repertórios (imagéticos, musicais, literários, cênicos, fílmicos), não apenas para a realização de uma atividade, mas, inclusive, cuidando do visual das salas e dos demais espaços da instituição (OSTETTO, 2007, p. 6).

Nossa ação permitiu e propiciou durante as intervenções a circulação de diferentes significados, de socialização de bens culturais, sem confundir o respeito com o gosto e a preferência que cada criança.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA

A escola campo que nos foi designada nos impressionou desde o primeiro contato que tivemos, cujo fomos recepcionadas muito bem pelos profissionais que ali trabalham, fizemos reuniões com o diretor, a coordenadora, a preceptora, às residentes e as professoras supervisoras, foi apresentada à escola e o método com que a preceptora trabalha, no qual ficamos encantadas. A escola tem um espaço amplo, com quadra de esportes coberta e grande, um refeitório novo e bem equipado para atender os alunos, sala de professores, secretaria, coordenação, ambulatório, uma biblioteca que apesar de pequena dispõe de uma grande variedade de materiais, as salas e banheiros precisam de melhorias, mas ainda sim estão em boas condições de uso.

A turma é bem ativa e participativa e, a todo o momento, querem falar sobre atividades e são curiosos e interessados, por vez a agitação é algo que acaba atrapalhando algumas atividades que são planejadas e proposta para o grande grupo. A turma tem onze meninas e quatorze meninos com diferentes características e peculiaridades.

A preceptora é muito calma e compreensiva, demonstra afeto com as crianças e a reciprocidade é notável. Seu planejamento consegue abordar as áreas de competências e habilidades propostas na BNCC, cujas estão atingidas pelas crianças. Ela é muito dinâmica e suas atividades despertam o interesse do grande grupo, de enfoque as dificuldades daqueles que as apresentam e sempre ajuda de forma facilitadora auxiliando no aprendizado contínuo de todos, utiliza muito dos livros infantis para melhorar e ajudar no interesse das crianças para com a literatura, assim surgindo à ideia de trabalharmos com a língua portuguesa, especificamente a literatura infantil.

Revista Gepesvida

A leitura abre “mundos” a qualquer pessoa, podendo conquistar conteúdos, cultura, lazer e principalmente satisfação e prazer ao fazer uma boa leitura. Aliado a isto, a leitura amplia o raciocínio, a verbalização, a formalidade das palavras, dos textos escritos, dos diálogos formais e informais, enfim, auxilia numa infinidade de objetivos, que podem ser conquistados por meio da leitura. (ANTONIACOMI et al 2011, p. 29)

Decidimos trabalhar com a literatura infantil, construindo em conjunto uma continuação da história do “João e o pé de feijão”, atribuindo saberes como, as etapas de uma história tais como: tempo, espaço, personagens, começo, meio e fim, também conceitos básicos de coesão e coerência para assim efetuar atividades coletivas e individuais, conforme a continuação do planejamento da professora preceptora da turma, que pediu para que trabalhássemos na área da língua portuguesa. Neste contexto, tivemos todo o plano e nossa docência fundamentada na BNCC. Para explorar o campo literário utilizamos habilidades propostas na Base, tais como:

(EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura. (EF01LP25) Produzir, tendo o professor como escriba, recontagens de histórias lidas pelo professor, histórias imaginadas ou baseadas em livros de imagens, observando a forma de composição de textos narrativos (personagens, enredo, tempo e espaço). (EF01LP25) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço. (BRASIL, 2017, s.p.)

Desse modo, é imprescindível que o trabalho de professores e professoras incumba-se a compreender que:

Alimentar o universo imaginário das crianças, provocando o desejo que faz mover a busca, implica tempo de espera. Não se dá instantaneamente. O tempo linear, que passa controlado pelo adulto, na rotina do trabalho educacional-pedagógico, em regra, não foi e nem está pensado e planejado para acolher a arte, que obedece à espécie de tempo-espera. É preciso tempo para deixar as coisas acontecerem (OSTETTO, 2007, p. 7).

Diante da proposta realizada, foi essencial voltar o olhar para a literatura infantil com eixo das ações pedagógicas que mediarão a RP como potencializadoras das interações com adultos e crianças. A literatura infantil é o palco criativo para o desenvolvimento dos sujeitos no cotidiano escolar. Essa ideia é compartilhada por Vygotsky (1986, p. 110) *apud* Van Der Veer e Valsiner (2014, p. 44) o seguinte questionamento:

Como em uma fábula ou conto (em que um *pointe* que é disjuntivo em relações às linhas de sentimentos anteriores pode levar a pessoa „catastroficamente“ a um novo sentimento complexo), o mesmo também se aplicava ao domínio das reações comuns, em que algumas reações de baixa intensidade absoluta

Revista Gepesvida

podiam, de repente, levar a um estado de coisas no qual *todo o complexo* de reações fica dominado por elas e adquire uma nova qualidade como resultado (grifos dos autores).

Ficamos mais persuadidas sobre a seriedade em compreender esses processos nas crianças quando estão se alfabetizando, quando dialogamos com Vygotsky (2010) que afirma que a arte proporciona o “gatilho” para a síntese da visão de mundo revisada. Esta ação abarca questões pautadas ao trabalho com a literatura e à psicologia do desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural.

5. IMPORTÂNCIA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NA USJ

A Residência pedagógica tem o intuito de “ressignificar” à formação continuada dos professores, “o professor com sua formação inicial e continuada no enfrentamento das demandas, das expectativas de uma prática assumida no cotidiano da escola com as crianças reais abre espaços para uma educação que aspira ser de qualidade” (ZOGAIB; AZEVEDO, s/d, p.3). Viabilizando uma experiência mais ampla dentro de sala de aula, vivenciando a rotina escolar em sua totalidade, começando pela observação participativa que é importante para que se tenha um momento de troca entre os Residentes/estagiários e as professoras/preceptoras, pois ao mesmo tempo, que o estagiário está ajudando a professora a auxiliar os alunos ele também está observando o método que ela utiliza.

A percepção de que é na intervenção o momento para exercer tudo que aprendemos na graduação, momento que temos para aprender com nossos erros, buscando melhorar, e exercitando nosso olhar de professor educador.

É preciso conhecer a realidade vivenciada pelos professores e crianças da escola pública, porque constitui o ponto de partida para a produção dos saberes de novas alternativas, tanto pedagógicas como políticas e institucionais. Ou seja, a vida diária escolar está repleta de momentos de continuidade, mas também de ruptura, de conflitos, de contradições das práticas eleitas pelos que fazem a educação infantil acontecer. Entendemos que a escola possui aberturas, sendo também palco de transformação social. (ZOGAIB; AZEVEDO, s/d, p. 3)

Além disso, a interação e troca de saberes entre os residentes é de suma importância, isso é uma das principais características da RP. Segundo Costa e Fontoura (2015, p. 166) “a comunicação entre os colegas, através da criação de espaços de diálogo, pode vir a ser uma real oportunidade para colocarmos em prática aquilo que, embora

Revista Gepesvida

disseminado na literatura, ainda dista muito do que acontece no interior das escolas”. Com isso trocando experiências e desafios, salientando que toda troca é bem-vinda dentro da formação acadêmica, seja na formação inicial ou na continuada.

O estágio obrigatório aproxima o acadêmico ao seu meio de trabalho, promovendo experiência em sua formação, sabendo que se trata de um curto prazo de experiência surge uma iniciativa de repensar o espaço, tempo e experiência dessa formação prática de acadêmicos. Um projeto de imersão de atuação no âmbito escolar, efetivado com o programa Residência Pedagógica que com caráter de formação inicial de professor acaba aproximando teoria da prática e universidade e escola.

Nesta perspectiva o acadêmico incorpora as responsabilidades das práticas pedagógicas, tais como ensino e aprendizagem, auxílio, avaliação e entre outros méritos cabíveis de sua profissão. Dando a possibilidade de presenciar a realidade escolar, observando a rotina, os conflitos, os desafios e o desenvolvimento constante do aluno e da escola.

Na atuação docente, não basta conhecer muitas teorias para ser um bom professor, é necessário saber quando utilizá-las, como, didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores e, acima de tudo, reelaborá-las constantemente para solucionar os problemas que são impostos cotidianamente na ação. (POLADIAN, 2014, p.3)

Deste modo, a imersão no campo de atuação se faz de grande valor para a formação de bons profissionais, não se vive só de teoria na hora da prática, precisa-se de formação para saber quando e como usá-las a favor e como práticas pedagógicas, visando um ensino e aprendizagem de qualidade.

5. ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES E INTERVENÇÕES DA RP

A observação teve vários pontos de destaque, entre eles um chamou bastante atenção, pois é muito utilizado na educação infantil, porém dentro do ensino fundamental vem com o intuito de tornar os alunos mais críticos, “Como sujeito capaz de produzir uma cultura infantil a criança passa a assumir na pesquisa o papel de sujeito ativo, expondo seus sentimentos e pensamentos” (GUARDA; LUZ; RODRIGUES; BELTRAME, 2017, p. 12891), entretanto não é muito utilizado no ensino fundamental, então a roda de conversa vem com o intuito de que isso aconteça, conforme diz Guarda et al :

Revista Gepesvida

[...] a roda de conversa como instrumento metodológico, pois a mesma abre espaço para que os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem estabelecem em espaços de diálogos e interações no contexto escolar, ampliando suas percepções sobre si e sobre o outro, em um movimento de alteridade e compreensão sobre a voz do outro em seu contínuo espaço de tempo (2017, p. 12889).

Outro elemento que chamou atenção das residentes/estagiários foi a dinâmica do pote, algo simples, mas que faz toda a diferença dentro de sala de aula, com essa dinâmica os alunos são convidados a escrever algo bom sobre um amigo, quem quiser pode ler para turma, quem não quiser pode somente colocar no pote. Por outro lado, a professora/preceptora também trabalhou com o livro *chapeuzinhos coloridos*, que traz as histórias com vários desfechos diferentes.

Foi pensado e desenvolvido diversas atividades que pudéssemos explicar e montar o projeto sobre o que contém uma história. Utilizamos atividades de fixação sobre personagens, tempo, espaço, coesão e coerência das histórias, usufruímos de vários tipos de recursos pedagógicos, gaiola literária, atividades impressas, tirinhas, livros infantis, tecnologias digitais, livro didático e entre outros recursos que nos auxiliaram na introdução do conteúdo.

No desenvolvimento do ensino literário o professor mediador deve utilizar pedagogicamente todos os recursos disponíveis para contribuir no aprendizado dos educandos de maneira adequada, onde cada criança demonstre a sua capacidade e facilidade na hora de imaginar, entender, compreender, interpretar, escrever, ler e falar de maneira formal através dos contos de histórias, pois somente uma excelente aula onde a diversidade de recursos pedagógicos está presente juntamente com brincadeiras no ensino-aprendizagem, é que as crianças construiram o seu próprio entendimento do mundo real, da socialização entre as demais de forma gradativa e significativa através de sua criatividade e imaginação. (OLIVEIRA, 2017)

Neste sentido pensamos com muito critério em metodologias que proporcionasse a turma momentos de aprendizagem significativo a todo o momento, usando como estratégia de ensino os diversos recursos que poderiam ser utilizados na escola, salientando todo e qualquer tipo de aprendizado, visual, oral, auditivo, descritivo, sobre escrita ou leitura, proporcionando momento de diversão e aprendizado simultaneamente.

A discussão realizada com as crianças sobre a literatura nos permitiu indagar mais uma vez sobre os processos vivenciados com as crianças com a Literatura Infantil nas escolas. Por várias vezes, as crianças desejaram pegar nos livros, ler os livros, falar sobre eles. O que nos interessa pensar é sobre a forma como se dá o envolvimento e

Revista Gepesvida

o desenvolvimento das crianças com os livros de literatura e os modos como se apropriam do conteúdo da obra que foi aplicado de forma interdisciplinar. E, nesse contexto, crianças e as residentes por meio do diálogo, partilharam suas experiências culturais.

Da experiência do RP problematizamos as condições e contradições das situações concretas do processo de alfabetização e letramento das crianças, tendo no contexto da escola os momentos do trabalho significativo e mediado pela literatura que potencializaram a imaginação e criatividade das crianças. Nesse sentido, Pino (2005, p. 159) afirma que:

[...] falar em desenvolvimento cultural da criança é falar da construção de uma história pessoal no interior da história social dos homens, da qual aquela é parte integrante. É um processo que, se não passa pelas mesmas etapas por que passou o da humanização de homo sapiens, passa por etapas equivalentes. Com efeito, a criança deverá transpor as fronteiras da sensorialidade – necessária para estar em contato permanente com a realidade material do mundo – para chegar ao plano da representação simbólica – via de acesso a essa outra forma de existência da realidade que é a forma simbólica, campo sem fronteiras da cultura.

Ressaltamos que, durante nossa intervenção, identificamos nas crianças a construção de representação simbólica sobre o mundo e a cultural de cada um e a literatura contribuiu significativamente com o processo de desenvolvimento cultural da criança.

Nosso convívio, aos poucos foi identificando personagens, seus medos, desafios, conquistas que potencializaram sobremaneira a imaginação e a criatividade das crianças dando significado às nossas ações. Nossos experimentos pedagógicos formaram-se elementos da nossa própria história docente. Para Toassa e Souza (2010), “as vivências são unidades da relação entre a personalidade/ consciência e o meio; da relação interior da criança com um ou outro acontecimento externo, ou as circunstâncias particulares que a envolvem” (p. 769).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como intuito demonstrar o processo de aprendizagem no primeiro semestre do programa de residência pedagógica, salientando a sua importância, dando destaque para as observações participativas e as intervenções, tendo como base a professora/preceptora.

Revista Gepesvida

Percebemos ao longo de todo processo que a imersão no campo tem a intencionalidade de aprimorar o fazer pedagógico, dando oportunidades às residentes de ter um contato mais significativo dentro da sala de aula.

Acreditamos nossa ação pedagógica na residência se materializaram nos gestos das crianças, nos modos de participação dos grupos, no movimento em direção ao trabalho propriamente dito, em ações e experiências preñes de significado para a formação inicial.

Pela apropriação da cultura infantil e da ação docente em que percebemos que a criança constrói o processo de alfabetização e letramento, e a compreensão de si e de sua relação com o mundo letrado. Portanto, a construção de significados, a experiência com diversos papéis sociais, as ampliações de conhecimento de mundo por meio da literatura infantil, dando significado a sua ação no mundo.

Percebemos, também, que a utilização e criação advinda de sua relação com a literatura a como elemento constante nas experiências da criança. Embora o processo de alfabetização e letramento da criança no ensino fundamental vá seguir esse caminho da criação de significados contextualizados, o contato com os elementos literatura possibilita experimentar, de forma organizada e intencional o processo de criação e imaginação.

Sobre a preceptora que nos acompanhou é possível afirmar que, pelos modos de participação e pelas narrativas de sua trajetória de intervenção, nos ajudou a ampliar nossas possibilidades de atuação na sua prática pedagógica e com isso passamos a compreender melhor o desenvolvimento das crianças e suas necessidades nessa fase.

Outra contribuição para os residentes foi que além de transformar os nossos próprios modos de atuação, especialmente depois de colocarem em perspectiva o seu próprio fazer nos encantaram com a docência para o ensino fundamental.

Compreendemos que o processo de alfabetização e letramento é complexo e está intimamente ligado às funções psicológicas superiores (linguagem, memória, pensamento) e à significação. Mas, que quando mediado pela literatura contribuir com o processo de desenvolvimento cultural das crianças, uma vez que, por sua característica, provoca sensações do campo de ordem simbólica.

Nosso convívio no campo nos proporcionou a identificação dos medos, desafios, conquistas das crianças que foram usados para potencializar a imaginação e a criatividade,

Revista Gepesvida

promovendo o desenvolvimento desses campos, pois, embora os elementos da história concernam ao campo da imaginação, o vivido, experienciado está diretamente vinculado ao real.

REFERÊNCIA

ANTONIACOMI, K.C et al. **A importância da leitura nos anos iniciais**. Curitiba: PUCPR, 2011.

BRASIL. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Resolução n.º 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 15 dez., 2010.

BRASIL. **Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 2014.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: vamos brincar de construir as nossas e outras histórias: ano 2, unidade 4**. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 03 de dez. 2018.

CARDOSO, Beatriz; EDNIR, Madza. **Ler e escrever, muito prazer!**. 2º ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

COSTA, Luciana Laureano; FONTOURA, Helena Amaral da. **Residência Pedagógica: criando caminhos para o desenvolvimento profissional docente**. Universidade de São Paulo Vol.9 : Revista @mbienteeducação, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2014.

GUARDA, Gelvane Nicole; LUZ, Tatiane Nicaretta; RODRIGUES, Tamires; BELTRAME, Lisaura Maria. **A RODA DE CONVERSA COMO METODOLOGIA EDUCATIVA: o diálogo e o brincar oportunizando o protagonismo infantil na sala de**

Revista Gepesvida

aula. In: XIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2017, p. 12886 - 12899.

OLIVEIRA, Rosane de Machado. **Literatura Infantil: A Importância no Processo de Alfabetização e Letramento e no Desenvolvimento Social da Criança.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02 Vol. 13 PP 375-394 Janeiro de 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Entre a prosa e a poesia: fazeres, saberes e conhecimento na educação infantil. In: PILOTTO, Silva Sell Duarte (org.). **Linguagens da arte na infância.** Joinville-SC: UNIVILLE, 2007. p. 29-45.

PINO, Angel. **As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski.** São Paulo: Cortez, 2005, 301 p.

POLADIAN, Marina L. Pedroso. **Estudo sobre o programa de residência pedagógica da UNIFESP: uma aproximação entre universidade e escola.** São Paulo: PUCSP, 2014.

SILVA, T. A. da; VELEDA, N. Z.; MELLO; G. B. Concepções epistemológicas: uma reflexão acerca dos processos formativos do PNAIC. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE, 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC/PR, 2015. p. 15236-15248.

SOARES, A. B. **A formação dos formadores: um encontro com as práticas discursivas de sujeitos tutores e professores.** 2012, 172p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOARES, M. Letrar é mais que alfabetizar. Entrevista. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 1-7, nov. 2010^a.

SOARES, M. Formação *de* rede: uma alternativa de desenvolvimento profissional de alfabetizadores/as. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v.4, n.2, p.146-173, dez. 2016.

TOASSA, Gisele and SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski.** *Psicol. USP* [online]. 2010, vol.21, n.4, pp.00-00. ISSN 0103-6564. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642010000400007>. Acesso em 08 de dez. de 2018.

VAN DER VEER; R.; VALSINER, J. **Vygotsky: uma síntese.** São Paulo: Edições Loyola Jesuítas. 7ª Edição, 2014.

Revista Gepesvida

VYGOTSKY, Lev. S. **Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar. In: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Vigostky, L. Luria, A. Leontiev, A.N. 11ª. Edição. São Paulo: Ícone, 2010, p. 103-116.

ZOGAIB, Simone Damm; AZEVEDO, Ana Maria Lourenço de. **Formação docente, pesquisa participante, práticas de estágio:** encontros na educação infantil. GEPCIE/ Universidade federal de Sergipe. s/d.

Data da submissão: 17-08-2019

Data da aceitação: 16-12-2019